

O antigo bispo de Guajará-Mirim, em Rondônia



PAAKA-NOVA

Contato e vida, segundo Dom Roberto

"O mca awina ojam!". A frase, dita em língua paaka-nova, significa simplesmente isto: "O branco não presta!". Ela expressa, de modo direto, a revolta diante de uma dura realidade sofrida por este povo indígena, que vive em Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia. Afinal, não é nem um pouco romântica a atual situação do povo. Paaka-Nova. Se não, vejamos. Em 1961, quando foram contatados no então Território de Rondônia, na fronteira com a Bolívia, os Paaka-Nova eram aproximadamente de 6 mil pessoas, divididas em seis nações distintas: Oro-Eu, Oro-Mon, Oro-At, Oro-Ranxien, Oro-Não e Oro-Win. Atualmente, são cerca de 1.150 sobreviventes, em situação de extrema dependência da Funai e assolados pela fome, pela desnutrição, pela malária e pela tuberculose.

Dom Luis Gomes de Arruda, bispo da diocese de Guajará-Mirim até 1980, participou, junto com funcionários do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), do processo de "pacificação" dos Paaka-Nova. Em conversa mantida com o missionário Egon Dionísio Heck, secretário-adjunto do Cimi, ele relata como se deu todo esse processo. Na época da pacificação, em 1961, dom Francisco Xavier Rey, respondendo pela então prelazia de Guajará-Mirim, havia insistido muito com o Governo e o SPI para que se tentasse um encontro pacífico com os

Paaka-Nova, a fim de se estabelecer a "paz" entre eles e os civilizados. A expedição de contato, chefiada pelo funcionário do SPI, José Francisco Cruz, contou ainda com a colaboração mais direta de Gilberto Barbosa Gama, do Pará, e de frei Roberto Arruda, representante da prelazia (Roberto é o nome de dom Luis em sua congregação religiosa).

O contato foi feito, em maio de 1961. Sem dúvida, com muitos problemas. Já, na década de 60, a relação entre seringalistas e índios era de tensão e de conflitos. Os índios lutando, de todo jeito, para defender seus territórios. Os seringalistas, à procura do ouro preto na região — que é a borracha — invadiam o território indígena, afugentando seus ocupantes e, muitas vezes, matando-os. Os Paaka-Nova, como era de se esperar, reagiam, também, com violência, aos ataques dos invasores. Daí a preocupação de dom Francisco Rey de realizar o contato com os Paaka-Nova. Na opinião de dom Roberto Arruda, a pacificação desse povo que se autodenomina Oro-Uari ("grupo de gente") — era necessária. "Não me arrependo de ter participado do trabalho de pacificação, porque se não o tivéssemos feito, os Paaka-Nova já teriam desa-

parecido debaixo de bala. Agora, frente a toda essa situação, eu me sinto mais comprometido com esse povo, no sentido de tentar despertá-lo para que assuma a sua vida e lute pela sua sobrevivência".



Menino Paaka-Nova da aldeia Santo André

Um ano depois da pacificação, em 1962, as primeiras consequências começam a aparecer. Os seringueiros intensificam as agressões contra os índios, que, num instinto de autodefesa, só atacavam, quando hostilizados. O SPI, por exemplo, muda de tática em relação à prelazia de Guajará-Mirim. Todos os membros da prelazia foram impedidos de continuar o trabalho na área dos Paaka-Nova, sob o pretexto de que cabia ao SPI a "organização da vida tribal dos povos indígenas". O órgão, apesar disso, autorizou a entrada, na área, de missionários estrangeiros, das Novas Tribos, que continuam até hoje.

A presença de missionários das Novas Tribos do Brasil entre os Paaka-Nova tem sido prejudicial aos índios. Esses missionários não respeitam e nem reafirmam os valores e a organização tradicional indígena. Perguntado sobre como via isso, dom Roberto disse que "as Novas Tribos atrapalham os projetos, as visões e os planos do Governo. Tentamos uma aproximação e um de seus pastores assim

me falou: "Vocês, padres católicos, estão preocupados em fazer roça com o índio, em fazer hospital e coisas desse tipo, mas, sem alcance algum. O que importa é salvar as almas desses índios; o mundo vai acabar dentro de poucos dias e não interessa roça plantada ou outra coisa".

Ontem como hoje, a ação genocida contra os Oro-Uari continua sendo violenta. Foram submetidos a um processo de mudança muito grande em economia. De uma situação de caçadores e coletores com pequenos cultivos — basicamente de milho — e seminômades, os Oro-Uari passaram a ser fixados em torno do posto do SPI, depois Funai. Novas necessidades foram criadas, com a entrada dos índios no sistema extrativista, basicamente a borracha. Em alguns lugares, a comercialização da borracha é feita diretamente pelos índios com os regatões. São violentamente explorados nessa transação comercial, sem que a Funai, através da Ajuda de Guajará-Mirim, tente reverter a situação em benefício dos índios.

Apesar de todos os bloqueios, a diocese de Guajará-Mirim vem prestando assistência aos índios através da Colônia de Sagarana. Como surgiu? Criada em 1965, três anos após a pacificação dos Paaka-Nova, Sagarana, segundo dom Roberto, "surgiu da necessidade de se fazer um acompanhamento mais demorado com as pessoas doentes. Ninguém era forçado a ir para Sagarana; só ia quem quisesse continuar os tratamentos"... "Depois, com o tempo, alguns índios decidiram permanecer na região e, a partir daí, nos preocupamos em administrar Sagarana a fim de dar continuidade ao trabalho". Esse trabalho, durante um certo tempo, foi assumido pela Opan (Operação Anchieta — organização de voluntários leigos). Hoje, a preocupação básica da diocese em relação aos Paaka-Nova — diz dom Roberto — "é fazer um trabalho que desperte no grupo a consciência indígena, na tentativa deles conseguirem não somente conservar sua cultura, mas ter um sentimento de liberdade". Objetivo: criar uma união não somente entre os membros de um mesmo grupo, mas entre todos os Oro-Uari.



Ainda hoje vivem sob ameaças